



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DENILSON SEVERINO DA LUZ

**DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Mamanguape-PB

2024

DENILSON SEVERINO DA LUZ

**DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia elaborada para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba– Campus IV para obtenção de grau de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Aline Cleide Batista e co-orientação da Prof^a Dr^a Maria Valdenice Resende Soares.

Mamanguape-PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L979d Luz, Denilson Severino da.
Desafios do professor homem nos anos iniciais do ensino fundamental / Denilson Severino da Luz. - Mamanguape, 2024.
57 f. : il.

Orientação: Aline Cleide Batista.
Coorientação: Maria Valdenice Resende Soares.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAEE.

1. Docência. 2. Professor. 3. Homem. 4. Anos iniciais. 5. Ensino fundamental. I. Batista, Aline Cleide. II. Soares, Maria Valdenice Resende. III. Título.

UFPB/CCAEE

CDU 37.012

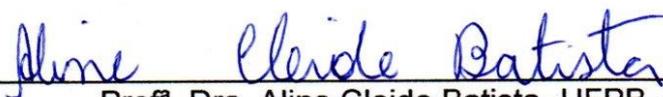
DENILSON SEVERINO DA LUZ

**DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia elaborada para disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV para obtenção de grau de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profª Drª Aline Cleide Batista e co-orientação da Profª Drª Maria Valdenice Resende Soares.

Aprovado em 24/10 / 2024.

Banca examinadora



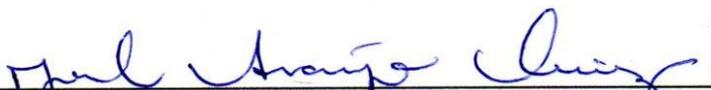
Profª. Dra. Aline Cleide Batista -UFPB- Orientadora



Profª Drª Maria Valdenice Resende Soares - UFPB- Co - orientadora



Profª Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves - Examinador 1



Profª Dr. Joel Araújo Queiroz - UFPB- Examinador 2

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pois sem Ele nada disso seria possível. Nas horas de incertezas, desesperos, inseguranças, minhas forças vinham d'Ele. Toda honra e toda glória sejam dadas ao Senhor.

À minha orientadora Aline Cleide Batista, aos meus queridos professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

À professora Valdenice Resende que foi sempre muito solícita e paciente quando a procurei, me ajudando na medida do possível.

Aos meus pais, dona Maria José (Ica) e seu Ivanildo (Nildo) que sempre acreditaram que eu poderia chegar, me incentivaram a continuar nesta jornada.

À minha querida esposa Mênike Maciel, que presenciou meus momentos de lutas, esteve e está comigo em todas as horas me apoiando.

Aos meus colegas de curso que estiveram comigo durante todo o percurso de lutas, estresses, alegrias, houve momentos de conflitos, mas como uma família, tudo se resolvia.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse momento chegasse, que é a conclusão do curso.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral identificar como os professores homens são vistos na docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através da entrevista semiestruturada com professores homens, com professoras e com mães, buscou-se estabelecer ligações que permitam responder questões como: Será que há diferenciação na docência de professores homens e/ou mulheres? Existe um padrão feminino ou masculino de ensinar e/ou cuidar? Quais os desafios enfrentados pelos homens que optam por esta profissão? O referencial teórico teve como foco a atuação masculina na educação de crianças, bem como possíveis desafios enfrentados. A pesquisa apresentou como base de diálogos, autores como Louro (1997), Sayão (2000), Rabelo (2013), Silveira (2012), entre outros. A participação de homens no ensino de crianças é uma forma de fomentar a igualdade de gênero e diversificar o ambiente escolar. No entanto, é necessário promover mudanças culturais que valorizem a presença do homem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Destaca-se também que é importante haver mais publicações voltadas para esta etapa de ensino. Reconhecer a importância do homem como educador nas séries iniciais pode ajudar a criar um ambiente de trabalho mais equilibrado e acolhedor.

Palavras-Chave: Docência, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Professor, Homem

“Alguns homens veem as coisas como são, e dizem ‘Por quê?’
Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo ‘Por que não?’”

George Bernard Shaw

ABSTRACT

This study aims to identify how male teachers are perceived in the teaching profession within the early years of primary education. Through semi-structured interviews with male teachers, female teachers, and mothers, the research seeks to address questions such as: Is there a difference in teaching between male and female teachers? Is there a gender-specific approach to teaching or caregiving? What challenges do men face when choosing this profession? The theoretical framework focuses on the role of men in children's education and the potential challenges they encounter. Key authors, including Louro (1997), Sayão (2000), Rabelo (2013), and Silveira (2012), among others, inform the discussion. Male participation in children's education promotes gender equality and diversifies the school environment. However, cultural shifts are necessary to value the presence of men in the early years of primary education. Furthermore, more publications focusing on this educational stage are needed. Recognizing the importance of men as educators in the early grades can help create a more balanced and welcoming workplace.

Keywords: Early Years of Primary Education; Teacher; Teaching; Male.

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PB – Paraíba

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trabalhos publicados no período de 2010 - 2024.....	13
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: PERFIL DOS PROFESSORES HOMENS	20
QUADRO 2: PERFIL DAS PROFESSORAS	20
QUADRO 3: PERFIL DAS MÃES	21

SUMÁRIO

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	12
1.1 Percurso Metodológico	17
2. BREVE HISTÓRIA DE HOMENS NO MAGISTÉRIO INFANTIL NO BRASIL	23
2.1 PROFESSORES NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: um campo de pesquisa a ser explorado.....	29
3. DOCÊNCIA MASCULINA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas dos professores, das professoras e de mães. .	33
3.1 Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva dos professores	33
3.1.1 Motivos da escolha profissional.....	33
3.1.2 Perspectivas de familiares e amigos sobre a carreira docente	35
3.1.3 Dificuldades encontradas enquanto professor homem	37
3.1.4 Como os professores foram recebidos pelas crianças	39
3.2. Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva das professoras.....	40
3.2.1 Diferença entre homem e mulher na educação de criança.....	41
3.2.2 Homem ensinando as crianças	43
3.2.3 Presença do professor homem na prática docente	45
3.3 Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva das mães.....	47
3.3.1. O que pensou de um professor homem ensinando a filha.....	47
3.3.2. Percepções e comentários sobre a presença masculina no ensino de crianças	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
5. REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	57

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA

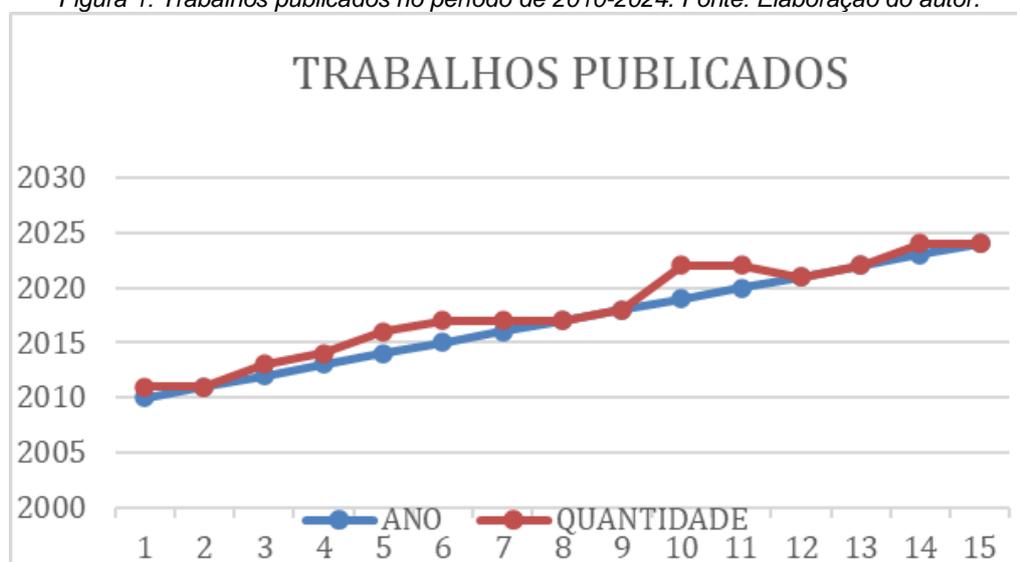
Até o final do século XIX, a docência no Brasil era considerada uma profissão masculina. Entretanto, com o acesso às meninas ao processo de alfabetização e às mulheres a profissão docente, vamos identificar um gradativo afastamento dos homens do magistério; a desvalorização profissional e barreiras morais da época, de que as meninas não eram adequadas para serem educadas por professores do sexo masculino, as professoras gradualmente ocuparam um lugar na educação. O ensino infantil e fundamental é considerado uma área tradicionalmente feminina - estabelecendo um modelo conceitual (estereótipo) - a presença do homem na educação nessas etapas causa estranhamentos, que mostram uma visão preconceituosa na compreensão dos papéis e possibilidades dos homens na educação de crianças.

Atualmente, o Brasil tem a maior proporção de mulheres na educação básica em comparação aos homens. A educação básica no Brasil é realizada principalmente por mulheres. O número total de docentes é de 2.315.616, dos quais 1.834.295 (79,2%) são professoras. Na Educação Infantil, etapa que inicia o ensino regular, a presença de mulheres educadoras é predominante com um percentual de 97,2% nas creches e 94,2% na pré-escola. No ensino fundamental, esse número é menor, mas ainda predominante, com 77,5% dos 1,4 milhão de docentes. É o que revela os dados do Censo Escolar 2022 realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Trazendo os dados do Estado da Paraíba, os números, também do Censo Escolar 2022, revelam algo ainda maior com relação ao cenário nacional, ou seja, a presença das mulheres em disparidade atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No ano de 2021 o total de docentes nesta etapa de ensino era de 14.175, destes, 12.695 (89,5%) eram mulheres, enquanto que o número de homens era de 1.480 (10,5%). Esses dados mostram o quão ainda é pequena a quantidade de homens nesta etapa.

Posto que a presença de homens no ensino é mínima, busquei pesquisas sobre homens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco a questão de gênero na docência, homens e mulheres nas práticas educativas, atuação masculina na educação de crianças, bem como possíveis preconceitos sofridos. Busquei um le-

vantamento, durante o mês de março de 2024, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), considerando um recorte temporal 2010-2024. Com os seguintes elementos indexadores: masculinidade, docência e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Resultados dos levantamentos são apresentados no gráfico da figura 1, a seguir.

Figura 1: Trabalhos publicados no período de 2010-2024. Fonte: Elaboração do autor.



Foram encontrados 124 trabalhos. Destes, 18 eram direcionados para essa temática, sendo que 03 falavam sobre homens atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 10 falam sobre a docência na Educação Infantil, e 02 falavam de gestores homens nessa mesma etapa, 01 falava de o homem como auxiliar também na Educação Infantil, 01 cita a questão da feminização no magistério e 01 menciona o homem na docência, tanto na Educação Infantil, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Percebe-se que há uma alternância na quantidade de trabalhos publicados ao longo da última década, vemos um aumento dessa discussão no ano de 2019, mas que em 2021 houve novamente uma queda. Constatei que ainda há escassez de pesquisas que proporcionem uma discussão aprofundada sobre as relações de gênero que focam no ensino masculino.

Foi realizada uma breve leitura reflexiva sobre os títulos, resumos, palavras-chave, resultados e conclusões dos trabalhos publicados. Através da leitura reflexiva, algumas questões podem ser destacadas: o número de professores do sexo mascu-

lino está diminuindo nesta fase; se a docência também é uma carreira masculina; reflexos da sexualidade nas representações de identidade e prática profissional; desafios de inserção e retenção de homens na docência. Observou-se também que, no período pesquisado, apenas uma tese aborda essa temática, enquanto 17 trabalhos eram dissertações.

Mas, de modo geral, nas últimas décadas, tem havido, mesmo que timidamente, um pouco mais discussão no Brasil sobre a relação entre gênero e trabalho docente, com foco no papel do homem na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A partir deste contexto, o presente trabalho traz uma reflexão sobre relação de gêneros na docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Relação essa que ao longo do tempo vem encontrando muitas dificuldades como desconfiança de colegas de trabalho relacionado ao seu desempenho, estranhamento quando dizem que são professores de crianças pequenas, medo de pedofilia e assédio sexual, preconceitos com os quais os homens não conseguem lidar cuidar das crianças, isto se dá devido a diversos fatores, seja cultural, social, entre outros aspectos. O fato é que há uma grande barreira a ser quebrada com relação a esse assunto. Vale salientar que o presente texto não tem o objetivo de comparar homens ou mulheres, ou mesmo levantando questões relacionadas ao discurso de gênero.

A participação de forma equilibrada de homens e mulheres nos espaços formativos e na vida profissional e neste caso, no magistério infantil, proporciona à sociedade espaços democráticos e igualitários. O contrário, por sua vez, ilustra de forma muitas vezes equivocadas determinadas representações dos sujeitos, nem sempre reais de formas de ser e de identidades padronizadas. Sendo assim, é necessário ressaltar a importância tanto do homem como da mulher nessa profissão e destacar a relevância do trabalho em conjunto em prol da educação, assim como, uma boa convivência das crianças com os adultos de ambos os sexos.

Esta discussão torna-se importante para os docentes formados e para os que estão em formação e, mais ainda, para a educação, para fazer refletir sobre questão de gênero e entender melhor o que acontece dentro das instituições de ensino com a presença do sexo masculino na educação de crianças.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar como os professores são vistos na docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo específico compreender como se dá a interação entre os profissionais homem – mulher no ambiente escolar com relação à docência. Descrever as trajetórias dos docentes que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, assim como investigar as compreensões sociais professor homem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Portanto, ao ingressar no curso, me deparei com a presença majoritária de mulheres. Constatei que dos 41 discentes da minha turma 31 eram mulheres, até esse momento desistiram 08 mulheres e 08 homens, entende-se que 26% das mulheres desistiram do curso, enquanto, homens desistiram da mesma quantidade, sendo que em proporção esse número é de 80%. Ou seja, mesmo tendo desistido a mesma quantidade de discentes, entre homens e mulheres, a presença feminina é muito maior, pelo fato de que a presença desse público é predominante.

Como estagiário e por ter participado do Programa Residência Pedagógica, tendo contato direto com as unidades escolares, me fez perceber que a presença de homens nesses espaços é muito baixa, tanto na Educação Infantil (creche e pré-escola) como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Os estágios foram realizados nas cidades de Cuité de Mamanguape-PB (Educação Infantil), na cidade de Itapororoca-PB (Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 1º ao 3º ano e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 4º e 5º ano). Toda essa observação me gerou uma inquietação, de por qual motivo ou quais situações ocorreram. Não só a quantidade de egressos, como também a ausência ou pouca presença do homem, também no ambiente escolar.

Ao cursar a disciplina de Estágio em Educação Infantil, observei que o corpo docente era totalmente composto por mulheres, ou seja, não tinha homem atuando em nenhuma das áreas na unidade escolar. Já ao cursar o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 1º ao 3º ano, Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 4º e 5º ano, também não tinha nenhum homem no meio de 5 mulheres e quando estive atuando como bolsista no Programa Residência Pedagógica¹ observei que 02 homens estavam atuando como professor, um no 1º

1 Programa Residência Pedagógica - Projeto da Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem como objetivo promover a implementação de projetos institucionais fomentados em instituições de ensino superior e contribuir para a melhoria da formação inicial dos cursos de licenciatura da educação básica.

ano e o outro no 4º ano. Sobre a gestão das escolas, ou supervisores, constatei que apenas um homem ocupando a função de gestor, este foi observado quando eu estava no Programa Residência Pedagógica. Como estagiário e bolsista no Programa Residência Pedagógica, enquanto homem, notou-se a curiosidade nos olhares de pessoas que não estavam habituadas a ver um homem ensinando crianças. Nos estágios, houve uma boa recepção das direções das escolas, exceto da creche, observou-se que a diretora teve um pouco de resistência, na parte burocrática dos estágios, ela colocava empecilhos para assinar os documentos. Nas salas de aulas, foi sentido alguns comportamentos de professoras que não dava muita atenção, não passava muita informação da turma quando perguntada, havia um distanciamento por parte de algumas professoras. Entretanto, com ralação a receptividade das crianças foi muito positiva, afetuosas queriam sempre estar abraçando, ou seja, da parte das crianças, houve um bom acolhimento. Atuando no Programa Residência Pedagógica, existiu um atendimento acolhedor da direção, dos professores e demais funcionários da escola, como também das crianças.

Ao refletir sobre o Ensino Fundamental e os docentes que lá atuam, logo temos a percepção que nesta etapa da educação, o predomínio feminino é muito maior que o masculino no cuidado direto das crianças pequenas. Considerando que a presença de mulher na docência é majoritária, é possível afirmar que a entrada de homens no magistério infantil pode ser considerada difícil, talvez nossa sociedade tenha convenido à mulher nas representações sociais predominantes, habilidades para cuidar de crianças. O que corrobora com Nunes (2005), quando diz que “A feminização do magistério está, portanto, ligada à ideologia de que a mulher deve assumir, antes de tudo, a sua vocação maternal e, na profissão docente, devotar-se a um trabalho missionário”. (Nunes, 2005, p. 145).

Ou seja, como se à mulher fosse dada a missão de apenas tutelar e cuidar da criança e que isso é o bastante para ensinar, para além do cuidar, há também o educar. Sendo assim, “Cuidar/educar são ações pedagógicas de consciência, que estabelece uma visão integrada do desenvolvimento da criança com base em concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade da criança.” (Bieger; Endruweit; Morais, 2023. p. 158). Por ter sido criado culturalmente que o homem não tem essa “vocação”, isso dificulta a entrada do homem na educação de crianças. Como estagiário e bolsista, notei a pouca presença de professores homens atuando.

Principalmente, quando fiz estágio na creche, não tinha homem na docência. Éramos apenas eu e outro estagiário. Vale salientar aqui, que quando fomos nos apresentar para estagiar na creche, logo percebemos o olhar diferente por parte da diretora, uma expressão de quem não estava acostumada com homens ensinando crianças pequenas. Neste sentido, observa-se que a presença do homem no ensino de crianças gera um certo estranhamento como se fosse algo anormal, percebe-se também quão é baixa a quantidade de docentes homens na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e até mesmo em outras funções na comunidade escolar.

Desde o início da minha inserção no curso de Pedagogia, como aluno, comecei a focar nessas representações que naturalizam as “funções” de mulheres e homens e estabelecem limites para experiências de gênero. Logo, observei que na minha sala era pouca a presença de homens, contava inicialmente com 10 homens matriculados, hoje, frequentando, tem 02.

E então em reflexões feitas em rodas de conversas entre alguns amigos e colegas do curso surgiu este questionamento do porque havia pouco homem na docência. Me motivando assim saber como ocorreu esse processo de feminização na docência. Será que há diferenciação na docência de professores homens e/ou mulher? Existe um padrão feminino ou masculino de ensinar e/ou cuidar? Quais os desafios enfrentados pelos homens que optam por esta profissão?

1.1 Percurso Metodológico

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois assume a necessidade de compreender significados, representações, causas e visões. Conforme Minayo (2002), que método responde a questões sociais, comportamento humano, estes fenômenos ocorrem em determinado tempo, local e cultura, tem um nível de realidade que não pode ser quantificado, isto é, opera com implicações e motivações, desejos, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço relacional mais profundo de processos e fenômenos irreduzíveis.

Para coleta de dados um total de 06 pessoas aceitaram colaborar: 02 professores, 02 professoras e 02 mães de alunas de duas escolas municipais, uma da cidade

de Mamanguape-PB e uma da cidade de Itapororoca-PB. Vale salientar que ao serem procurados, os entrevistados não hesitaram em colaborar com a pesquisa. Entretanto, no percurso tive que fazer algumas mudanças, entrei em contato com outros dois professores, à princípio deram retorno, mas depois não consegui contactá-los para agendar o dia e horário das entrevistas.

Foi, então, feita uma pesquisa empírica com métodos qualitativos. Para produzir as fontes de pesquisas a serem analisadas utilizei as entrevistas, entendendo que esse método de coletas dados é uma técnica que, por meio da escuta, do olhar, expressões, permite coletar informações diretas com o entrevistado, possibilitando ter uma compreensão mais detalhada de atitudes, motivações, relações com o outro.

Conforme Batista, Matos e Nascimento (2017), a escolha desse instrumento de coleta de dados, busca compreender a subjetividade do sujeito entrevistado, pois, trata do modo como o indivíduo, ver, interpreta determinadas situações e acontecimentos, do seu meio social, do seu momento.

Levando em consideração o tema de que se trata essa pesquisa, optei por fazer entrevistas semiestruturadas, uma vez que é “[...] guiada pelo roteiro de questões, o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado” (Belei, et. al, 2008, p. 189). As entrevistas semiestruturadas basearam-se numa série de questões extraídas da teoria da investigação e concebidas para responder aos objetivos da investigação. Com base nesses elementos, uma série de perguntas surgiram à medida que os entrevistados responderem.

Sobre as características das entrevistas semiestruturadas Oliveira; Guimarães e Ferreira (2023) acrescentam que:

As entrevistas semiestruturadas, como a própria designação sugere, têm como característica um roteiro preestabelecido no qual o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixa o entrevistado livre para falar, podendo realizar perguntas complementares para compreender o fenômeno investigado. (Oliveira; Guimarães e Ferreira, 2023, p. 222).

Antes das entrevistas, foram realizados contatos via whatsapp, tanto com os gestores das escolas, como também com os professores e com as mães (ver o roteiro delas em apêndice A). Aos gestores, foi entregue a Carta de Apresentação, os entrevistados receberam instruções sobre procedimentos para produção de materiais de

pesquisa. Após a compreensão do processo, revisaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Vale lembrar que foram utilizados trechos das falas dos entrevistados nas análises dos dados. Durante a produção dos materiais de pesquisa, foi dada atenção ao anonimato dos entrevistados, ao sigilo das informações, à proteção da privacidade e da imagem e foram utilizados códigos para identificação dos sujeitos. Também foi respeitado o direito dos sujeitos da pesquisa de recusar ou desistir da participação a qualquer momento. Foi pedido autorização aos entrevistados para a gravação das entrevistas.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas com 02 professores homens em duas escolas, uma da cidade de Itapororoca-PB, e uma da cidade de Mamanguape-PB. Além disso, foram realizadas entrevistas também com uma professora de cada escola das cidades supracitadas para saber a percepção delas sobre como é lecionar com a presença de homens.

Com a permissão dos gestores das instituições, foi convidada uma mãe de aluna, de cada escola, para falarem a respeito de um homem lecionando sua filha, usando como instrumento as entrevistas semiestruturadas. Organizei a entrevista com 09 perguntas norteadoras: 04 perguntas para os professores, 03 para a professoras e 02 para as mães.

Abaixo estão os perfis dos entrevistados.

QUADRO 1: PERFIL DOS PROFESSORES HOMENS

NOME	IDADE	TEMPO DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO
Professor A	46	26 anos	Pedagogia Psicopedagogia Supervisão Escolar
Professor B	32	12 anos	Pedagogia Letras Língua Portuguesa

FONTE: elaborado pelo pesquisador, 2024.

Com relação aos perfis dos professores, percebemos que o professor A é um pouco mais velho que o professor B. Vemos também que os dois são licenciados em

Pedagogia e têm outras formações. Isso os permite abordar temas de diferentes formas e mesclar diferentes disciplinas, além disso os métodos de ensino, a capacidade de conectar conteúdos e abordagens a diferentes estilos de aprendizagem.

QUADRO 2: PERFIL DAS PROFESSORAS

NOME	IDADE	TEMPO DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO
Professora A	54	23	Pedagogia Psicopedagogia
Professora B	35	07	Pedagogia Psicopedagogia Institucional

FONTE: elaborado pelo pesquisador, 2024.

Sobre os perfis das professoras, notamos uma certa diferença de idade entre elas. Como também, há uma diferença no tempo de profissão de um para outra. Dentro deste cenário, trazemos alguns aspectos que podem influenciar nas suas práticas e abordagens educacionais. Como por exemplo, a professora A passou por diferentes gerações de alunos, metodologias de ensino e mudanças de currículo ao longo do tempo. A professora B, sua formação inicial e o ambiente educacional em que ela começou a carreira podem influenciar sua perspectiva sobre a educação. Possivelmente está refinando seus métodos, experimentando novos métodos e ganhando mais confiança no gerenciamento de sala de aula.

Entretanto, vale destacar que essas comparações mostram como a idade e a experiência influenciam diferentes aspectos da prática docente. Contudo, também é importante reconhecer que existem muitas diferenças individuais, contextuais e culturais que podem contribuir para determinados perfis de profissionais.

QUADRO 3: PERFIL DAS MÃES

NOME	IDADE	TEMPO DE PROFISSÃO	FORMAÇÃO
Mãe A	42	-	Superior incompleto (está cursando o 5º período de Pedagogia)
Mãe B	32	-	Ensino Médio completo

FONTE: elaborado pelo pesquisador, 2024.

Quanto aos perfis das mães, observamos que a mãe A tem uma diferença de idade de 10 anos para mãe B. De acordo com os perfis acima, notamos também que a mãe A está cursando o ensino superior e a professora B, tem o nível médio completo. Diante disso, a mãe A tem uma pouco mais de experiência de vida, observamos que suas formações são diferentes, entretanto cada uma carrega consigo conhecimentos acumulados a partir de suas vivencias contextos e culturas.

Assim, o presente trabalho pode trazer uma discussão bastante pertinente a essa situação, com o objetivo de mostrar a importância de os docentes trabalharem em conjunto, independente do gênero, como também externar a visão do professor enquanto homem lecionando crianças, saber das professoras suas opiniões acerca de como é trabalhar com um professor do sexo masculino e se, para elas, há diferença entre mulher e homem ensinando, mostrar o pensamento das mães sobre o que ela pensa de ter um professor homem ensinando sua filha.

As entrevistas foram realizadas individualmente, registradas por meio de um celular e transcritas na íntegra, sempre respeitando a originalidade das falas dos entrevistados. Com entrevistas não estruturadas, ou seja, coloquial. As perguntas foram abertas e espontâneas, onde foi permitido ter uma conversa para fazer as demais perguntas. Utilizei entrevistas semiestruturadas porque oferece aos entrevistados a oportunidade de compartilhar suas opiniões de forma livre, o que possibilita ao pesquisador perceber sutilezas que poderiam passar despercebidas em uma entrevista totalmente estruturada.

Depois de fazer entrevistas e observações, foram realizadas as transcrições das falas, todo material foi avaliado, fazendo um mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo, fazendo uma seleção do que é relevante. Foi efetuada uma releitura do material, organização dos relatos e dos dados. Após isso, foram feitos

questionamentos dos dados com base na fundamentação teórica. Neste momento, foram estabelecidas articulações entre os dados e os referenciais.

Neste primeiro capítulo apresento minha aproximação ao tema, objeto de pesquisa, objetivos e metodologia abordada, citei que até o século XIX os homens eram maioria no ensino de crianças e que acontece um processo gradativo das mulheres assumindo essa função, tornando-se maioria. Além disso, foram expostos números do cenário nacional e estadual mais recente de homens e mulheres na docência tanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como na Educação Infantil, evidenciando a majoritariedade das mulheres na profissão. Foi apresentado ainda levantamentos feitos de trabalhos publicados sobre a temática, como também a justificativa para escolha do tema e os objetivos do trabalho.

No subcapítulo, apresento a metodologia de pesquisa que foi o utilizada para a construção do material. No segundo capítulo, trago um breve histórico do homem no magistério infantil. No capítulo 3, analiso os resultados das entrevistas dos professores, das professoras e das mães e discuto suas reflexões sobre professor homem educando crianças. Assim, o foco deste capítulo está na análise das falas dos entrevistados. E por fim, apresento as minhas considerações finais à luz das construções.

2. BREVE HISTÓRIA DE HOMENS NO MAGISTÉRIO INFANTIL NO BRASIL

Podemos iniciar esse percurso histórico voltando ao período colonial em que a educação brasileira era “dominada” pelos homens, os jesuítas. Neste período, as escolas brasileiras eram tuteladas pelos jesuítas, e era destinadas apenas para os meninos. Às meninas cabiam atividades “naturalmente femininas”, como: costurar, bordar, cozinhar, cuidar dos maridos e dos filhos. Mas isso não permaneceu imutável, isto é, a instituição escolar masculina. Sendo assim, Miranda (2003), afirma que:

Ao longo da segunda metade do século XIX, verificam-se algumas transformações sociais que vão permitir, não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas gradualmente o seu predomínio como docentes” (Miranda, 2003, p.21).

Alguns fatores contribuíram para inserção feminina no magistério, tais como: processo de urbanização, desenvolvimento da indústria no Brasil, pois nesse processo, o homem gradualmente foi deixando a sala de aula, pois, do ponto de vista estrutural há um desinteresse dele para investir na profissão. E uma das formas da mulher adentrar no mercado de trabalho foi através da educação. Como salienta Ferreira (1996) apud. Miranda, (2003), a participação das mulheres nas atividades educativas decorre do fato de as meninas obterem autorização para frequentar o ensino primário e posteriormente participarem em cursos de docência que, além de se prepararem para a carreira profissional, proporcionam oportunidade para continuarem seus estudos.

A transformação da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX está relacionada às posições assumidas por algumas mulheres nesse período, como buscar formação e posteriormente ingressar no mercado de trabalho. Muitas vezes, assume-se que o objetivo destas posições é perturbar a estrutura patriarcal dominante e criar uma estrutura mais liberal com a qual possam contar para sair e encontrar uma ocupação diferente daquela que têm em casa, nomeadamente o trabalho doméstico.

Como destaca Cunha (2018) essa possibilidade de rompimento das relações patriarcais a que as mulheres estavam submetidas deveu-se em parte ao caminho percorrido pela necessidade de expansão da educação no Brasil e se consolidou com a criação da Escola Normal, embora inicialmente esta instituição fosse exclusivamente para homens.

No início da Escola Normal, apenas homens podiam frequentar os cursos, devido ao, ainda, forte elo com as tradições jesuíticas. Neste sentido, a educação primária foi desenhada por homens durante muito tempo, o papel da docência nas escolas foi dominado pelos homens.

Aos poucos essa realidade foi mudando e levando ao chamado processo de feminização do ensino. Como diz Pimenta (2022), a presença feminina na docência ganha força ao longo do século XX, intensificando a partir de 1930 com o aumento do número de escolas do ensino primário, como também, devido às profundas mudanças políticas, sociais e econômicas. Combinado a isso, a maternidade e a escolaridade dos filhos são fatores que contribuem para isso, afastando os homens da profissão, possibilitando a docência uma área de atividade mais feminina.

Na atual sociedade, as profissões são ainda amplamente divididas entre masculinas e femininas, com funções que são tradicionalmente tidas como para homem e mulher. Desde a infância aprendemos que algumas coisas são destinadas para as mulheres e algumas outras são mencionadas para os homens e, como adultos, acabamos por replicar esses estereótipos. Torna-se natural o lugar que a mulher ocupa na licenciatura, principalmente quando se trata de lecionar para crianças pequenas.

A presença majoritária das mulheres nesse segmento é sintomática da distinção de gênero na divisão de tarefas e papéis sociais e impacta diretamente a estruturação dos perfis de alguns nichos de atuação. Do ponto de vista do sentido do termo “Gênero”, encontrei a seguinte definição: “A forma que a diferença sexual assume, nas diversas sociedades e culturas, e que determina os papéis e o *status* atribuídos a homens e mulheres e a identidade sexual das pessoas” (Aulete, 2007, p. 513).

O processo de construção social de compreensões de gênero e corpo sempre foi caracterizado por interesses ideológicos. Nesse contexto, o conceito de gênero e sua derivação se configuram como construção teórica que pode destacar as diferenças sutis entre professoras e seus pares/diferentes homens, professores do sexo masculino.

Historicamente, sempre se exigiu muito cuidado com as crianças e suas necessidades corporais, como diz Sayão (2005, p. 16):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (Sayão, 2005, p. 16).

Assim, a concepção histórica e social acerca da contribuição masculina na educação infantil, frequentemente vinculada ao ato de cuidar (uma função tradicionalmente associada às mulheres). A necessidade de proximidade física e contato para atender às demandas das crianças pequenas se transforma em um ponto de conflito para homens dentro dessa profissão, visto que ainda persistem preconceitos que ligam esses cuidados a comportamentos inadequados ou questionáveis, especialmente quando envolvidos por homens. Essa perspectiva restrita cria um obstáculo considerável tanto para a presença quanto para a aceitação de homens no ensino de crianças, perpetuando estigmas e dúvidas que impactam a trajetória profissional desses educadores. Para superar essa visão, é essencial promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da função masculina na educação e no cuidado, reconhecendo que a responsabilidade pelo desenvolvimento integral das crianças é um trabalho que transcende questões de gênero.

Ao longo do tempo, a sociedade direciona seus esforços de maneiras variadas na educação de meninos e meninas, definindo expectativas e funções distintas para homens e mulheres. Essas abordagens diferenciadas podem estar relacionadas a normas, valores e tradições culturais que promovem traços ou atitudes específicas de acordo com o gênero, impactando as oportunidades e a formação da identidade de cada indivíduo dentro da sociedade. Prosseguindo, Santos e Castro (2015, p. 03) completam:

Historicamente, nossa sociedade vem realizando investimentos distintos na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres. Desde a infância é possível identificar quais são os brinquedos, brincadeiras, cores, condutas e comportamentos “aconselháveis” e “permitidos” para garotos e garotas. (Santos e Castro, 2015, p. 03).

Por ser uma função histórica e culturalmente feminina, mesmo que não tenha sido sempre assim, há um olhar diferente quando se trata em deixar as crianças sob os cuidados de um homem, não só por esse motivo, como também devido aos tantos casos de pedofilia no Brasil, a sociedade tende a não confiar muito no homem e o acha menos cuidadoso, mais impulsivos, mais violentos e, até mesmo, como potenciais.

Neste sentido, “maior dificuldade é social, pois esse preconceito traz consigo as marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas”. (Araújo; Hammes, 2012. p. 8). Além de enfrentarem o fato de que cuidar dos filhos é um papel especial das mulheres, na maioria dos casos ainda há dúvidas sobre sua orientação sexual ou sofrer retaliações de alguns pais que temem que seus filhos, principalmente as meninas, sofram algum tipo de violência.

Podemos observar que “o ingresso de docentes do sexo masculino em atividades diretamente relacionadas ao cuidado da criança pequena, ainda tem se mostrado uma experiência carregada de interdições” (Ramos; Xavier, 2010, p.2).

Ainda os Anos Iniciais do Ensino Fundamental sempre foram vinculados a uma prática que não precisaria de muito conhecimento, ou seja, desqualificando esse profissional, mas que bastaria um trabalhador do sexo feminino para “cuidar” das crianças. Para além da desmotivação isso mostra o preconceito, a ignorância a respeito da criança, do educar criança. Entretanto, a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu Art. 62, afirma que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Brasil. 1996, Art.62, p. 46).

Ou seja, em nenhum momento é mencionada a questão de gênero quando se trata da formação profissional docente. Exigindo no mínimo a formação em magistério para atuar na educação e tornar-se um profissional, sem mencionar se esse profissional precisa ser do sexo masculino ou feminino.

Ao analisar essas transformações que permearam a trajetória da docência em nosso país, Santos (2017, p. 25) pondera que:

É possível perceber que o magistério tem sido demarcado como uma profissão feminina através de uma atribuição que foi construída socialmente ligada ao gênero feminino, e que a maioria dos professores do sexo masculino que atuam ou pretendem atuar nos anos iniciais do ensino fundamental sentem essa questão de gênero e vivenciam a discriminação em muitas vezes, principalmente aqueles que procuram por vagas em escolas privadas, já que muitas delas mantêm e preferem que o corpo docente seja composto por mulheres, diferentemente da instituição pública que o docente é “contratado” através de sua aprovação no concurso público. (Santos, 2017, p. 25)

Ainda de acordo com Santos (2017), podemos entender os motivos que muitas das vezes a escolha profissional feita pelos sujeitos, (homens e mulheres) acaba sendo influenciada pelas representações que foram construídas e fixadas na sociedade, que têm como embasamento a feminização no magistério, passa a imagem de que profissões ligadas a “emoções” e a “sensibilidade” estão intrinsecamente ligadas às mulheres.

Para Rabelo (2012) há pouco conhecimento por parte dos homens sobre a docência em geral, principalmente quando se trata da figura de um homem numa sala de aula. Os docentes masculinos deveriam fazer mais divulgação da atuação deles para os homens entenderem que a docência é uma profissão que está à disposição deles. A autora acrescenta que “esse silenciamento é potencializado no senso comum e pelas diversas formas midiáticas, tais como: revistas, jornais, programas televisivos, filmes, entre outros meios de comunicação em massa” (Rabelo, 2012, p. 213).

Neste sentido, quanto mais a divulgação, até mesmo pelo próprio magistério sobre a docência, maior haverá o interesse por parte dos homens nessa profissão, aumentando assim a possibilidade de o homem optar por esse segmento. “Assim, dependendo da forma que a sociedade apresenta e representa as profissões no imaginário social, elas passam a se tornar possíveis” (Rabelo, 2012, p. 213). Ao refletir sobre motivos pelo os quais levaram os homens a optarem por essa profissão, Ramos e Xavier (2010), ponderam:

Ingressar na carreira pública onde há, de certa maneira, estabilidade e segurança é uma das principais razões que prepondera nos depoimentos desses sujeitos. Embora tenham, unanimemente, reclamado dos baixos salários pagos aos professores que atuam na educação infantil, eles elencam outros motivos que contribuíram para o ingresso em uma profissão majoritariamente feminina. [...] por influência da mãe (professora), por causa do desemprego, para exercer uma atividade no campo de formação, para continuar na área da pesquisa, por já desempenhar a função em creches, por querer sair da profissão anteriormente exercida, para melhorar as próprias condições de vida e também as condições de vida da família. (Ramos e Xavier (2010, p. 5-6).

Em contrapartida, o preconceito é a principal barreira para os homens superarem, é perceptível que a sociedade tem receio com a atuação do homem com crianças, principalmente com meninas. Para Gonçalves e Penha (2015), a capacidade dos homens de cuidar de crianças talvez seja vista com um olhar de muita desconfiança, e de incompetência, fazendo assim com que não desperte o interesse neles em seguir os caminhos da docência.

Para Silva (2014), o professor do sexo masculino, quando vai trabalhar com crianças pequenas, logo causa estranheza até mesmo do corpo docente escolar, e é questionado sobre os motivos e razões pelos quais levaram a ingressar na função. Muitas vezes é necessário o professor passar por uma espécie de “período de experiência” para provar sua índole. Levando a refletir como será a relação com eles e como conviver com a presença deles.

A autora ainda acrescenta que estes profissionais são o foco de olhares mal-dosos e dúvidas de sua capacidade. Mas a própria autora ressalta que o amor, a paixão e o carinho dão forças para os professores homens quebrarem paradigmas e preconceitos sofridos e se dedicarem com muito orgulho a sua profissão, e assim desempenharem da melhor forma possível sua função (Silva, 2014).

Todavia, Gonçalves e Penha (2015), afirmam que a sociedade vive em constante movimento, e que o homem está cada vez mais contribuindo com os afazeres domésticos e na educação das crianças.

Neste sentido, elas completam sinalizando a importância e contribuição dos homens tanto em casa como no ambiente escolar:

Se em casa os homens são considerados educadores, na escola eles também poderiam muito contribuir com o processo de educação de crianças, sendo preciso desmistificar a ideia de que não há espaço para o homem atuar como docente de Educação Infantil. O importante é a formação para essa atuação e não apenas o fato de pertencer ao gênero feminino ou masculino (Gonçalves; Penha, 2015, p.177).

Os homens estão cada vez mais se adaptando à modernidade, à evolução das mulheres, com isso vão aprendendo a dar banho, trocar fraldas, dar comida, fazer dormir, entre outras atribuições exigidas quando se trata dos cuidados oferecidos a uma criança.

Levando para o lado da docência essas adaptações e transformações, Louro (2003, p. 93) afirma que:

Seu papel de educador combina o exercício de uma "paternidade, uma magistratura, um apostolado e uma luta" [...] Ainda que as modificações sociais que se seguem transformem, sem dúvida, essa representação de magistério, a referência parece ter permanecido. (Louro, 2003, p. 93)

Felizmente, aos poucos, a nossa sociedade vem mudando e observamos mais homens se envolvendo nas rotinas da família, na educação integral das crianças e nas instituições de ensino. Como a escola é espelho da sociedade e vice-versa, é importante repensar a estrutura da educação incluindo a sociedade nesta conversa.

Pensando na presença masculina na educação dos pequeninos e no desenvolvimento das crianças, entendemos que tanto a presença masculina quanto a feminina são importantes. Quando há professores e professoras juntos na primeira infância, proporcionando carinho, amor e aceitação, planejando aulas e organizando atividades, são apresentadas às crianças diferentes possibilidades familiares.

Homens estão contribuindo mais em afazeres domésticos e na educação. A presença masculina na docência infantil é limitada, mas está mudando. A feminização do magistério influencia escolhas profissionais. E que a sociedade ainda vê homens como menos competentes para cuidar de crianças. É importante repensar a estrutura educacional de forma mais profunda pensar a estrutura da sociedade para incluir mais homens tanto na Educação Infantil, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2.1 PROFESSORES NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: um campo de pesquisa a ser explorado

Iniciando os caminhos da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos relacionados com o tema, considerando o período de 2010-2024. Nesta busca, constatei que há poucas publicações. Sendo assim, percebi que esse assunto ainda é pouco debatido, sendo mais direcionado a discussões de mulheres na docência, como afirma Guacira Louro (1992):

Parece-me [...] importante notar que, ao contrário do que alguns pensam, se temos poucos trabalhos sobre a educação de meninas e mulheres, talvez tenhamos ainda menos estudos sobre a formação de meninos e homens (Louro, 1992, p. 62).

Portanto, torna-se importante explorar mais para levantar questões e propor debates sobre esse universo pouco conhecido: professores homens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Vale salientar que a pesquisa no âmbito da educação Infantil é mais explorada.

Em pesquisas realizadas, foram encontrados trabalhos relacionados ao tema, no texto de Fonseca (2011) aborda-se a questão da resistência do professor homem em entrar no ambiente cultural e historicamente feminino.

Neste sentido Fonseca (2011), afirma que é importante pensar os professores homens nos Anos Iniciais de Ensino Fundamental como uma forma de resistência a esta feminilização e ao senso comum de que não compreende o homem como possibilidade no ensino de crianças. Como diz Santos (2017):

Mesmo sabendo que as mulheres têm “dominado” de forma ampla as vagas de docente no Ensino Fundamental nos anos iniciais, muitos homens não desistem de seguir a carreira como educadores, estudam, conhecem as leis, sabem do prestígio que muitas mulheres têm na maioria das escolas privadas, mas mesmo assim, se formam e saem em busca de oportunidades de trabalho referente a sua formação. (Santos, 2017, p.43).

A determinação dos professores homens pode, de fato, ser uma reação ao preconceito que encontram. Eles podem se sentir incentivados a permanecerem nesse setor para demonstrar que os homens também são capazes de ensinar crianças.

O ato de resistir ao poder e mostrar que dão conta das atividades que exercem sendo homens perpassa os discursos destes professores e denota este prazer das resistências, pois ouviram, várias vezes, que por serem homens não poderiam ou não teriam condições de serem professores dos anos iniciais. (Fonseca, 2011, p.98).

Essa persistência pode ser interpretada como uma forma de resistência aos estigmas e à desconfiança acerca da sua atuação nessa área. A insistência masculina pode provocar um intenso desejo de exercer essa função e motivar outros homens a seguirem na carreira docente.

Outro ponto que deve ser considerado são as coisas tidas como normais e que seguem um padrão. Para ser considerada uma boa escola, ela precisa ter um determinado padrão imposto socialmente, da mesma forma um aluno, e o professor (homem ou mulher) não seria diferente, sendo assim, o modelo ideal a seguir seguido de um bom professor homem seria a professora, pois “[...] o “bom professor” homem dos anos iniciais devem aproximar da “figura ideal”, ou seja, do padrão professora dos anos iniciais [...]”. (Fonseca, 2011, p. 46).

Mais um elemento importante trazido nas pesquisas é que a presença de um professor do sexo masculino influencia diretamente tanto a forma como ele é visto (sua imagem) quanto a maneira como é acolhido pelos vários agentes no ambiente educacional, incluindo alunos, pais, colegas e a comunidade escolar.

O que corrobora com Carré (2014), quando diz que as representações de gênero influenciam a imagem e a receptividade do professor homem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental concluindo que os mesmos perseveraram na profissão e superaram a resistência e a desconfiança inicial de suas comunidades escolares.

A mesma autora lembra que ao longo do tempo, a sociedade começou a considerar comum mulheres ocuparem o papel de professoras nas séries iniciais. Em outras palavras, essa função passou a ser tradicionalmente vinculada ao gênero feminino. Essa "naturalização" indica que se acredita que as mulheres são mais apropriadas para a tarefa de cuidar e educar crianças (Carré, 2014).

De acordo com Santos (2017) existem perguntas e investigações voltadas para compreender como se dá a construção da identidade e do papel do homem dentro do ambiente escolar como professor. Ele acrescenta:

[...] É preciso saber por qual motivo ela ainda se mantém de forma padronizada como, por exemplo, a recusa dos homens para o trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental, já que esses que hoje são excluídos já foram exaltados em momentos históricos na educação brasileira. (Santos, 2017, p.12).

Portanto, apesar da mudança ter sido implementada, ressalta-se que essa transformação não foi capaz de eliminar por completo os padrões existentes. Há uma uniformidade na resistência dos homens em aceitar posições de ensino nas etapas iniciais da educação, sugerindo que muitos deles optam por evitar ou recusar tais funções. No decorrer da história da educação no Brasil, houve períodos em que a contribuição masculina na educação era mais reconhecida do que atualmente, principalmente em etapas como a educação infantil e os primeiros anos escolares, que atualmente são percebidos como áreas principalmente ocupadas por mulheres.

3. DOCÊNCIA MASCULINA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas dos professores, das professoras e de mães.

Neste capítulo analiso as percepções dos professores, das professoras e das mães que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa. Trago aqui questões sobre quais motivos levaram o professor homem escolher a profissão docente, se tiveram ou não incentivos de familiares e amigos para seguir nesta profissão, quais e se encontraram dificuldades ao começar lecionar, como as crianças o veem a partir da concepção do professor. Se para as professoras há diferença entre homem e mulher na educação de crianças, qual visão delas sobre professor homem lecionando, quais as opiniões delas trabalhando no mesmo ambiente que um professor homem. Para as mães, foram perguntas para saber o que pensaram quando viram que era um homem que iria ensinar sua filha, e se elas ouviram comentário de alguma mãe relacionado a um homem ensinar a filha.

3.1 Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva dos professores

3.1.1 Motivos da escolha profissional

Sobre os motivos que os levaram a tornarem-se professores, observamos que o Professor A afirma que sempre achou interessante a profissão. Ele acrescenta ainda que o que o motivou também foi o fato de ter familiares que já atuavam como professoras. O que corrobora com De Almeida e Melo-Silva (2011) quando dizem que a maneira como as pessoas interagem com a profissão muitas vezes tem origem de experiências anteriores do meio familiar. Em seguida o professor afirma que ficou desempregado e que precisava trabalhar.

Eu trabalhava na lanchonete, fiquei desempregado, meu primeiro emprego foi esse trabalhar como balconista da lanchonete, fiquei desempregado. E minha mãe era diretora e surgiu a vaga para ensinar EJA, na escola onde ela trabalhava. (Professor A, 2024).

O depoimento do professor A, mostra que sua inserção na docência se deu a partir da necessidade de trabalhar e aproveitou a oportunidade que apareceu. Então a convite de sua mãe, que já fazia parte do quadro de funcionário da escola, eles aceita ensinar, mesmo com toda ansiedade de nunca ter dado aula, mas que por

precisar trabalhar, topou o desafio, iniciando na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Vale salientar que ele inicia a docência sem ter experiência, ou seja: ele começa como professor leigo, isto é, sem a qualificação mínima para exercer a função do magistério, em outras palavras, “refere-se à professora que não possui uma formação pedagógica ou habilitação específica mínima legalmente exigida para a atuação na docência, porém desenvolve a prática docente” (Oliveira e Sampaio, 2022, p. 08).

E por necessidade, não é uma escolha e sim, algo que se impõe uma necessidade. Portanto, ele não começa na Educação Infantil, e sim na EJA, um dos campos de atuação do pedagogo.

Os motivos do professor B em ingressar na carreira docente foram a vontade de mudar de vida e tentar transformar a comunidade que ele vive, já que ele é de uma comunidade tradicional ribeirinha de pescador. As comunidades tradicionais são grupos sociais que preservam estilos de vida, cultura e conhecimentos ancestrais. Muitas vezes associadas a atividades tradicionais e ao uso sustentável dos recursos naturais, estas comunidades têm fortes laços com os territórios onde vivem. Estas comunidades mantêm um estilo de vida diferente da sociedade urbana, têm uma relação estreita com a natureza e preservam conhecimentos e tradições transmitidos de geração em geração. Ele afirma que passou cinco anos sem estudar após terminar o Ensino Médio. Ele destaca ainda que tinha medo de estudar, de entrar numa universidade. Ele iniciou lecionar na Educação Infantil

Outro motivo citado por ele foi as poucas opções de profissões na localidade, e viu que tinha poucos professores e os que tinham vinham de outros lugares.

E eu olhei para as profissões da minha comunidade, que eram poucas, e olhei para as profissões que estavam faltando, que vinham pessoas de fora. E mais profissionais que vinham de fora eram professores. (Professor B, 2024).

Nas falas dos dois professores houve um entendimento de que a docência apresentava maiores oportunidades de trabalho. Mesmo que o professor A tenha sido de forma inesperada, ele acatou a ideia de lecionar.

Observamos também que o Professor A teve forte influência familiar para escolha profissional, visto que sua mãe já era professora.

Já o professor B foi por vontade própria, pois queria além de mudar de vida, almejava também transformar a realidade da comunidade a qual ele vivia. Neste sentido, sobre a escolha profissional, De Almeida e Melo-Silva (2011), afirmam que:

O processo da escolha profissional, portanto, encontra-se sobreposto a uma complexa rede de fatores que comporta tanto uma dimensão individual quanto social, envolvendo influências do meio familiar, dos grupos de pares, da formação educacional, do mundo do trabalho e mais amplamente do contexto social, político, econômico e cultural. (De Almeida e Melo-Silva, 2011, p. 75).

Mesmo não sendo o maior desejo profissional, à princípio, dos professores, eles se esforçaram e se comprometeram a fazer essas conexões após iniciar a carreira. Em outras palavras, estavam empenhados em desempenhar o seu trabalho da melhor forma possível, adaptando-se às suas novas funções e encontrando satisfação e autorrealização no ensino.

Neste sentido, a profissão docente é muitas vezes vista como uma profissão que reflete valores familiares. Esse ambiente familiar pode incentivar a escolha dessa carreira e ressaltar a importância da contribuição para o desenvolvimento infantil. Além disso, as exigências do trabalho podem levar os indivíduos a buscarem segurança e estabilidade nesta carreira, que apesar dos desafios, tem impacto significativo na vida dos estudantes e da comunidade.

3.1.2 Perspectivas de familiares e amigos sobre a carreira docente

Observamos nos relatos que, o professor A teve incentivo tanto dos familiares como dos amigos. Percebemos ainda na fala dele que a presença do homem nessa profissão era escassa, mais ainda que hoje. Destaca-se ainda no discurso dele que mesmo tendo pouco homem na docência, ele recebeu incentivo. “[...] quando eu comecei, acharam muito interessante e me aplaudiram muito. Me incentivaram muito. Tanto os parentes, como os amigos.” (Professor A, 2024). O professor B enfrentou a resistência do pai, entendendo que ser professor não era uma profissão rentável. E que ele deveria procurar uma profissão que desse algum retorno financeiro. Foi preciso ele insistir, para mostrar que sim, é possível ser professor.

Minha família não aceitou. Meu pai, na verdade, ele queria que eu fosse outro profissional, né? Ele queria que eu fosse... Aí meu pai queria que eu fosse marinho, fosse trabalhar na marinha, então ele não gostou. (Professor B, 2024).

Percebemos que as situações dos professores sobre ser professor são inversas, visto que, o Professor A foi incentivado pelos familiares e amigos, enquanto que a escolha do professor B não foi bem aceita pelo pai. Os membros da família muitas vezes desejam o melhor futuro para os seus filhos, o que muitas vezes inclui esperar que eles sigam carreiras financeiramente gratificantes. Esta preocupação está enraizada no desejo de estabilidade e em uma certa segurança financeira.

Nos depoimentos dos dois professores compreende-se que a opção pela docência se dá, muitas vezes, pelo emprego, não necessariamente pela atuação docente em si, como também as escolhas envolvem fatores internos e externos. A esse respeito Tartuce, Nunes e Almeida (2014), reiteram que:

[...] os fatores ligados à atratividade da carreira docente exigem considerar que o processo de escolha profissional e a inserção no mundo do trabalho são cada vez mais complexos, o que significa que as possibilidades de escolha profissional não estão relacionadas somente às características pessoais, mas principalmente ao contexto histórico e ao ambiente sociocultural em que o jovem vive[...] (Tartuce; Nunes e Almeida, 2014, p. 105).

Dado o contexto das entrevistas vemos um contraste, enquanto o professor A recebe estímulo de familiares e amigos, o Professor B suporta a rejeição do pai em tê-lo como professor. A profissão docente é muitas vezes considerada de baixo status em comparação com outras profissões, o que pode fazer com que os pais fiquem desmotivados pelos seus filhos. Há também preocupações financeiras, muitos pais se preocupam com o fato de uma carreira docente não proporcionar estabilidade financeira suficiente, especialmente quando os empregos são baixos ou faltam oportunidades. Os filhos podem ser impedidos de seguir carreiras conhecidas por salários inferiores, especialmente no início da carreira e em níveis como o ensino básico.

3.1.3 Dificuldades encontradas enquanto professor homem

Quando perguntados se encontraram dificuldades por ser homem, à princípio o Professor A não relatou que teve dificuldades lecionar por ser do sexo masculino, ele mencionou que teve relutância na mudança de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos para ensinar crianças.

Então, quando eu passei da Educação Jovem Adulto para a Educação Infantil, eu senti um pouco de dificuldade. Porque mudou totalmente. Então, assim, a dificuldade foi essa, essa mudança de jovem adulto para a educação infantil. Eu estranhei um pouco, mas, com o passar do tempo, fui adaptando, consegui superar as dificuldades. (Professor A, 2024).

Ainda em seu depoimento, ele acrescenta que, mesmo com dificuldades nessa transição, conseguiu se habituar às circunstâncias. Sendo assim, a transição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a Educação Infantil pode ser desafiadora, mas também gratificante, pois envolve lidar com diferentes fases de desenvolvimento e necessidades de aprendizagem.

Vale salientar que mesmo o professor mencionando “Educação Infantil”, em uma conversa anteriormente, ele fala que não atuou nesta fase, que lecionou apenas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os jovens e adultos já possuem habilidades para a vida, experiência profissional e responsabilidades. Na EJA, as abordagens são mais diretas e focam na funcionalidade, como alfabetização rápida e habilidades práticas que ajudarão no dia a dia ou no trabalho. Enquanto que as crianças estão nos estágios iniciais de desenvolvimento e estão aprendendo comunicação básica, coordenação motora e habilidades sociais. No ensino infantil as atividades são mais dinâmicas e exploratórias, com destaque para o brincar educativo.

Mais adiante na entrevista, o Professor A relata que percebeu um certo tipo de questionamento por parte dos pais com sua presença ensinando crianças. “Um professor homem ensinando umas criancinhas tão pequenas, surge isso aí. Assim, pelo menos, de início. Causou aquele impacto.” (Professor A, 2024).

Nota-se em seu discurso que a presença do professor homem no Anos Iniciais do Ensino Fundamental causa estranhamento, visto que a presença das mulheres nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é mais comum. E que ele de certa forma precisa

passar uma espécie de período probatório e comprobatório para mostrar que ele não é o que estão pensando. “Mas, com o decorrer do tempo, essas pessoas foram se aproximando e vendo que não tinha nada com aquilo que eles pensavam.” (Professor A, 2024).

Sobre isso, Campos, Carvalho e Souza (2022) ponderam que o professor homem está constantemente tentando provar que não é ofensivo. Ao contrário de um período probatório, que termina em poucos anos, o período comprobatório dura toda a sua carreira.

No relato do Professor B, observamos que um dos desafios encontrados enquanto professor homem é que as secretarias da educação não colocam homens para trabalhar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 3º ano.

A dificuldade é, a gente enfrenta essa dificuldade justamente porque também a parte da secretaria também. A secretaria, ela não coloca muitos professores, né os homens pra trabalhar nessa fase, do terceiro abaixo. (Professor B, 2024).

A falta de professores do sexo masculino ensinando crianças no terceiro ano abaixo em muitas escolas pode estar ligada a uma série de fatores, desde preconceitos sociais até políticas institucionais e culturais.

Em alguns casos, as pessoas desconfiam dos homens que optam por trabalhar nestas fases. No caso das crianças pequenas, isto pode fazer com que as administrações escolares hesitem em colocá-los em tais funções.

Outra dificuldade relatada pelo Professor B, foi quando ele atuou na Educação Infantil, em sua fala ele descreve que as mães não o aceitaram ensinando seus filhos e filhas. “A maior dificuldade que eu sofri foi com a educação infantil, né, no qual as mães elas não aceitam, né, que é pelo fato de ser homem.” (Professor B, 2024).

Prosseguindo com a entrevista, ele conta que os pais o aceitaram ensinando, mas contra vontade, no ano seguinte, a única vaga que tinha para lecionar era na mesma fase, ou seja, Educação Infantil, mas que dessa vez não teve jeito, não aceitaram, consequência disso, ele ficou desempregado.

Já um ano depois, né, aí eu fiquei de fora, justamente porque era a única vaga que tinha e aí os pais, né, os outros pais não aceitaram mais eu ficar, justamente pelo fato de ser homem, não queria o contato com os filhos, né, tendo em vista essa função mais. Muitas pessoas questionaram, porque não troca, né, faz essa troca, bota ele no quinto ou no quarto e bota uma professora pra ficar com a educação infantil. Mas não foi possível e fiquei sem trabalhar e é isso. (Professor B, 2024).

Frente às contribuições, percebemos que os professores tiveram diferentes dificuldades, o Professor A sentiu dificuldade na transição da Educação de Jovens e Adultos para o ensino infantil. O Professor B diz que ainda há resistência por parte das secretarias nos que dizem respeito ao homem ensinar crianças. Mas em seus depoimentos os dois relatam que há desconfianças e estranhamentos dos pais sobre o homem ensinar seus filhos e filhas. Portanto, “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo.” (Sayão, 2005, p. 66). Como podemos perceber no tópico seguinte.

3.1.4 Como os professores foram recebidos pelas crianças

A respeito de como foi recebido pelas crianças, o Professor A afirma que logo sua presença causou estranheza entre os educandos, chegando a ouvir deles que nunca tinham tido professor homem.

Eu acredito que assim, também causou uma estranheza para essas crianças. Porque eu ouvi até alguns falar: ‘Poxa, eu nunca tive um professor homem’. Eu ouvi algumas crianças falar isso. ‘Eu nunca tive um professor homem, primeiro é o senhor. (Professor A, 2024).

Percebemos nesse relato que as crianças não estão acostumadas com a presença masculina na docência, isso naturalmente causa um estranhamento. A ausência de homens em cargos docentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pode gerar reações iniciais de surpresa ou curiosidade, pois podem associar essas funções principalmente às mulheres.

O depoimento do professor B se assemelha com o outro professor, pois em sua fala ele diz que a turma que ele está lecionando nunca teve professor homem “A turma que eu estou agora, esse ano, que é a turma do quinto ano, eles falaram pra mim: ‘primeira vez que eu tenho um professor homem’, que eles nunca tiveram.

Do maternal, até agora, o quinto ano.” (Professor B, 2023). Mais adiante ele enfatiza que os alunos falaram que é a primeira vez que estão tendo professor homem e cresceram que estão gostando. “Eles disseram assim: ‘rapaz, primeira vez que a gente tem um professor homem, tá gostando, professor’, tá fluindo. Eles acharam a diferença. Nunca tiveram contato, não.” (Professor B, 2024).

Diante dos relatos dos professores, observamos que as crianças não se sentem familiarizadas com os professores do sexo masculino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, talvez porque não estejam habituadas a ver homens em funções de ensino. As crianças estão mais acostumadas a ver mulheres em papéis de cuidadoras, como professoras e mães, pois são seres sócio-históricos e reproduzem o que é visto socialmente. Neste sentido, Charone (2008), diz que:

As crianças possuem um ativismo dialógico, pois constroem seus discursos, ao participarem dos diálogos sociais, num processo em que interrogam, apreciam as palavras alheias, reapreciam, assimilam ou rejeitam. (Charone, 2008, p. 93).

As palavras que as crianças expressam nas suas declarações são características das questões de gênero, valores, etc., que as crianças aprendem nestas relações.

Observa-se ainda nas falas dos professores que com o tempo as crianças foram se acostumando com a presença deles e, que, aos poucos, foram gostando de serem ensinados por um homem. Chegando até a dizerem que o dia que o professor não for para escola, eles não irão. “Quando eu faltou, eles dizem que no dia que eu faltar, avise, eles não vão pra escola. Eles se apegam rápido.” (Professor B, 2024).

Deste modo, as crianças não estão familiarizadas com professores do sexo masculino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, isso é reprodução das normas sociais e expectativas culturais sobre os papéis de gênero. No entanto, com o tempo, à medida que os laços emocionais são estabelecidos, esta barreira é ultrapassada e as crianças começam a ver os professores do sexo masculino como figuras de apoio e carinho, tal como veem as professoras.

3.2. Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva das professoras

3.2.1 Diferença entre homem e mulher na educação de criança

Perguntado para a Professora A se há diferença entre homem e mulher na educação de criança, o pensamento dela em seu relato, ela fala que para o homem ensinar 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, é difícil, ela ressalta que o homem tem dificuldade em passar conteúdo.

A diferença eu acho assim, para o homem, de uma primeira, segunda, é difícil. É diferente da mulher. E para a fase inicial para homem, para dar com criança, para passar o conteúdo, é um pouco difícil. Em uma sala de aula, é muito difícil. (Professora A, 2024).

Continuando a entrevista, ela relata que a mulher tem mais jeito de lidar com criança, que ela (a mulher) já ensina em casa e quando chega na escola, tem seus métodos. A professora A conta que é necessário ter paciência para ir de carteira em carteira, esmiuçar conteúdo para que as crianças do 1º e 2º ano entendam, mas que esse processo, para o homem, em sua fala, é mais difícil. Em suas palavras, é mais fácil o homem lidar com crianças maiores, pois elas entendem mais.

Para passar o conteúdo para aquelas criancinhas, tem que ir ali, tem que mastigar, tem que mastigar para poder entender. E o homem pode até ter paciência. Mas, para ele, eu acho que é difícil. Do primeiro ao segundo ano. Já no terceiro ano, o menino já é maiorzinho, já entende, é mais fácil dele se dar. (Professora A, 2024).

Mais adiante, ela afirma não concordar em colocar homem para atuar no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Em seu entendimento há uma subdivisão entre os dois primeiros anos e os três últimos, a figura masculina não é necessária nos dois primeiros, apenas nos três últimos. Ela acrescenta ainda que o professor homem tem mais dificuldade de alfabetizar. E que seria mais fácil para ele lecionar turmas que já estejam alfabetizadas.

Eu acho que não é certo botar o homem assim, no primeiro, segundo ano. E para o homem isso é difícil. Você pegar uma turma que não sabe nada, para alfabetizar é muito difícil. E a gente pegar um segundo, um terceiro ano, já toda alfabetizada, para o homem é mais fácil. Que dá o conteúdo, explica. Aí é mais fácil. Mas você está ali, está na cadeirinha. Isso, isso, isso. Assim, eu acho que para o homem é difícil. (Professora A, 2024).

Na linha inversa, temos o depoimento da Professora B, ela acredita não haver diferença entre homem e mulher ensinando criança, ela destaca que ambos têm capacidade de oferecer um ensino de qualidade.

Não, eu acredito que não. Tanto o homem quanto a mulher, eles têm a capacidade de promover um ensino de qualidade e também que a criança venha se desenvolver de forma plena tanto o homem como a mulher. Eu não acredito que o ensino tenha essa diferença. (Professora B, 2024).

Ela continua a entrevista dizendo que o professor (homem ou mulher) quando está preparado para lecionar, ele está pronto para dar aula. Pois, os dois foram capacitados da mesma forma.

Quando o professor está preparado para a sala de aula, eu acredito que eles estão capacitados tanto o homem como a mulher. Os dois não participam do mesmo processo de formação?! então eles são capacitados da mesma forma. Independente do gênero, do sexo. (Professora B, 2024).

A fala da professora B sobre a formação docente aproximam-se da ideia de Bezerra, Grotti e Lima (2022), quando dizem que a formação de professores acontece por meio da troca de conhecimentos, já que o docente não se capacita apenas para seu próprio benefício, mas para partilhar o que aprendeu.

Essa interação social na qual se compartilha o conhecimento contribui para que ele acrescente novos valores à sua prática pedagógica.

Portanto, diante dos relatos das professoras, observamos que suas opiniões são divergentes no que se referem ao homem na educação de crianças. Percebemos uma visão estereotipada Professora A, de que o homem tem menos paciência que a mulher e que de certa forma não sabe alfabetizar. Sobre alfabetização, Soares (2020) diz que é o:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimento, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...). (Soares, 2020, p. 27).

Alfabetização é o processo de ensinar a ler e escrever, em vez de simplesmente considerar letras e palavras. Envolve também a compreensão do significado de um texto, desenvolvendo a capacidade de pensar criticamente e expressar ideias por escrito.

A professora B ao enfatizar que ambos os sexos participaram do mesmo processo de formação, ela afirma que a preparação envolve não apenas conhecimentos técnicos, mas também habilidades emocionais e gerenciais, permitindo que os professores se adaptem às demandas da sala de aula e às necessidades de seus alunos.

De acordo com Charone (2008) é importante compreender os professores e as professoras, a forma como encaram o ensino, às suas identidades, dado que as relações de gênero se refletem nos espaços escolares, é lembrar que a masculinidade e a feminilidade surgem de muitas formas e de muitas maneiras. Tentando compreender o papel que esses sujeitos desempenham na educação.

3.2.2 Homem ensinando as crianças

Questionada sobre o que acha do homem ensinando crianças, a professora A, acentua que acha muito difícil para ele, em sua visão, o homem tem mais dificuldade no ensino de criança, ela acrescenta ainda que isso ocorre em todos os sentidos. E que o homem ao cursar Pedagogia deve estar ciente que pode ficar em qualquer turma. E cita ainda que o homem não pode de maneira alguma ficar com uma turma do Pré.

Eu acho muito difícil. Muito difícil. Em todos os sentidos, eu acho. Porque o homem, eu acho que, possa até que ele tenha escolhido isso. Mas ele, eu acho que, quando a gente faz esse curso, a gente pode pegar qualquer sala. O pré eu acho que nunca, né? Mas do primeiro ao quinto ano, a gente tem que pegar. (Professora A, 2024).

Avançando no diálogo, ela diz que a mulher tem o domínio de ter mais criatividade na condução da aula. A professora A relata ainda que ela sendo mulher lecionando numa turma do 1º ano do Ensino Fundamental está tendo dificuldade e, que, para um homem torna-se ainda mais. Mas que a mulher tem mais facilidade para ensinar.

Já a mulher tem já aquele domínio, aquele domínio de trazer uma coisa, trazer outra. Já é mais fácil para a mulher. Esse ano eu estou no primeiro ano. Estou achando muito difícil. Eu, como mulher, estou achando difícil. Por quê? Porque eu peguei uma turma que não sabe de nada. Agora que eles estão melhorando, entendeu? Então, para a mulher é difícil. É um pouco difícil é, mas para homem mais. Mas a mulher tem mais facilidade. Certo. De ensinar. Entendeu? Para homem é difícil. (Professora A, 2024).

Entende-se em seu depoimento que o homem não tem habilidades para lecionar crianças. Isso reforça o entendimento que educação, especialmente nos primeiros anos, tem sido historicamente associada às mulheres, o que pode criar estereótipos que influenciam os homens em determinadas áreas da educação, como o ensino infantil.

Na explanação da Professora B, ela afirma que não vê problema de homem ensinar criança, e que na escola em que ela trabalha tem um colega homem e atribui a ele algumas palavras positivas.

Eu não acho que tenha problema nenhum. Até então a gente tem aqui um colega, professor, e a gente vê a atenção, o carinho e a dedicação que ele tem com as crianças. O cuidado de ensinar, que eles venham aprender, que eles venham se desenvolver, eu não vejo problema nenhum. (Professora B, 2024).

Em sua fala, vemos que ela compreende que o fato de ser homem não impede que ele tenha características que naturalmente são atribuídas às mulheres professoras, como atencioso, carinhoso e dedicado. Estas qualidades não são exclusivas de um gênero. Os professores do sexo masculino podem proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e seguro que apoie o seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

Continuando, ela reconhece que o professor homem sofre preconceito, a sociedade ainda tem essa visão estereotipada, “Apesar que a sociedade tem essa visão mais... O professor, o homem, sofre preconceito, porque tem aquela questão do toque, do contato físico com a criança.” (Professora B, 2024). O que corrobora com Araújo e Hammes (2012) quando dizem que:

[...] a maior dificuldade é social, pois esse preconceito traz consigo as marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de, enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja uma função específica da mulher, na maioria das vezes[...]. (Araújo e Hammes, 2012, p. 08).

A discriminação social contra homens que atuam como professores, na educação de crianças, é um fenômeno intrincado e variado. Apesar de a docência ser uma profissão fundamental, a maioria feminina no setor e os estereótipos de gênero ajudam a criar obstáculos e estigmas que os homens que optam por essa profissão enfrentam.

Durante a entrevista a Professora B, ressalta que a mulher também pode cometer abuso sexual, e que a mídia tem um peso na divulgação de informação, como também o impacto significativo, afetando opiniões, condutas, emoções e a maneira como se percebe o mundo. Esses impactos podem ser benéficos ou prejudiciais, variando conforme a maneira como os indivíduos consomem e se relacionam com as informações.

Só que às vezes a gente esquece também que da mesma forma, tem o homem que pode praticar o abuso sexual, também tem a mulher que pode. Só que o que é mais divulgado nas mídias, essa questão, são mais abuso relacionado com o homem. Então isso cria, socialmente, uma visão distorcida. (Professora B, 2024).

Na visão de Silveira (2012), as representações masculinas de professores na mídia contribuem para a formação de um imaginário social. Filmes, desenhos e reportagens transmitem ideias e conceitos sobre esses educadores e dos homens em geral. A mídia nos oferece representações que se tornam cada vez mais naturais na cultura.

Nos depoimentos, observamos que há discordância entre as professoras nos que se refere ao homem ensinando crianças. Para a professora A, o homem não deveria ensinar crianças essa ideia revela uma visão que pode ser moldada por estereótipos de gênero ou por preconceitos culturais. Contudo, essa concepção não reflete a realidade ou a necessidade de uma educação que seja equilibrada e inclusiva. Tanto homens quanto mulheres, independentemente de seu gênero, podem se tornar excelentes professores.

A Professora B, no entanto, afirma que não vê problema em o homem trabalhar no ensino infantil, a diversidade entre os educadores é fundamental para o crescimento das crianças, pois proporciona variados modelos de comportamento, diferentes perspectivas e abordagens de ensino. A presença de homens na educação infantil pode contribuir para desmistificar estereótipos, oferecendo uma formação mais abrangente. Isso demonstra às crianças que qualidades como cuidado, paciência e orientação não são prerrogativas apenas do universo feminino.

3.2.3 Presença do professor homem na prática docente

Sobre trabalhar no mesmo ambiente que professores homens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, busquei verificar se há alguma forma de resistência por parte das professoras, qual a opinião delas, qual a relação entre eles (professora e professor).

A Professora A afirma em seu relato que não nunca sentiu algum tipo de incômodo em trabalhar no mesmo ambiente escolar professor homem, e que cada um tem sua forma de ensinar. Ela destaca também ter trabalhado em outra escola que tinha homem e não houve qualquer desconforto pelo fato de ele ser do sexo masculino.

Nunca me incomodei, né? Nunca. Para mim, a gente... Eu acho que é tudo igual, né? Assim, o homem tem os seus métodos. Eu tenho os meus mais assim. Eu acho, assim que é tudo igual, eu acho. Aqui, graças a Deus, entre os professores que ensinam aqui, e que eu já tive em outra escola, como lhe disse, a gente tudo normal. (Professora A, 2024).

Ela acrescenta que tem uma relação amistosa com o professor, e que há diálogos amigáveis entre eles. “Um dá uma experiência para o outro, entendeu? Assim, diálogo, assim. Bem amigável mesmo, né? Bem amigável.” (Professora A, 2024). A colaboração entre os professores é essencial para o êxito na educação, pois cria um ambiente onde a cooperação, a troca de ideias e o apoio mútuo são incentivados. Portanto, podemos dizer que “os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola. [...]” (Nóvoa, 2009, p. 03). Quando atuam em conjunto de forma harmoniosa, os educadores conseguem dividir práticas eficazes, recursos e estratégias pedagógicas que aprimoram o processo de ensino e aprendizado.

A professora B, assim como a professora A, afirma não ter problema em trabalhar no mesmo ambiente que o professor homem, ela acrescenta ainda que é bom ter uma presença masculina. “Pra mim é máximo, eu acho máximo. É muito bom trabalhar. Eu não vejo diferença nenhuma. E é bom porque a gente não tem só mulher. Também tem o homem, a gente tá trabalhando ali com uma visão masculina acerca do ensino. Então eu acho maravilhoso.” (Professora B, 2024).

Neste sentido elas deixam transparecer que, a participação de homens nas equipes docentes pode ajudar a alcançar um equilíbrio, trazendo variadas visões sobre a prática educacional. Professores que trabalham em colaboração têm a oportunidade de elaborar aulas em equipe, debater soluções para problemas enfrentados nas salas de aula e alinhar objetivos educacionais, o que leva a um ensino mais integrado e eficaz. Essa troca contribui para o fortalecimento tanto do conhecimento pedagógico quanto das habilidades práticas. Esses aspectos podem ser trabalhados entre os professores, homem e mulher.

3.3 Docência masculina nos primeiros anos do Ensino Fundamental: perspectiva das mães

3.3.1. O que pensou de um professor homem ensinando a filha

Ao ser perguntada sobre um homem ensinando sua filha, a Mãe A relatou que já conhecia o professor, ela acrescenta ainda que tem dado certo, a sua filha tem aprendido rápido com ele. “Eu acho que eu não pensei, não, porque eu não sei outras mães, porque eu já conhecia a pessoa. E eu gostei, eu acho que o resultado até agora foi positivo. Porque ela começou estudar com ele aprendeu mais rápido.” (Mãe A, 2024). Quando o professor exhibe habilidades, compromisso e carinho no trato com os alunos, a mãe tende a se sentir segura.

Dando sequência, em seu depoimento, ela conta que sua filha já estudou com professora, mas que aprendeu mais com o professor homem. “Ela já tá no 3º, já teve a experiência de estudar como uma professora, né? Ela rendeu mais com o professor.” (Mãe A, 2024).

A aprendizagem da criança independe do gênero do professor, pois esse processo envolve alguns fatores, como: a competência pedagógica, educadores que se estabelecem uma conexão com seus alunos e ajustam suas abordagens às necessidades particulares tendem a ser mais bem-sucedidos, independente do sexo. A relação de confiança e suporte entre professor e aluno é fundamental para o processo de aprendizagem.

[...] a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem, depende fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. (Brait, et al. p. 06).

Alunos que se sentem seguros e amparados costumam apresentar um bom desempenho. Além disso, o contexto familiar, as expectativas culturais e a dinâmica do ambiente escolar têm um impacto significativo na aprendizagem.

Mais adiante na entrevista, durante a sua fala, a Mãe A diz que ainda há preconceito sobre homens ensinando crianças. Ela enfatiza que foi com o professor que sua filha aprendeu a ler. “Eu acredito que temos essa base assim, ainda tem o preconceito. Foi quando ela aprendeu a ler. Ela aprendeu realmente a ler.” (Mãe A, 2024). Em seu relato vemos que ela percebe que ainda há preconceito, com relação aos homens na docência. Ela destaca também que o fato de sua filha ter um professor homem não a atrapalhou em seu desempenho na escola, pelo contrário, foi com esse professor que ela desenvolveu a leitura.

Na entrevista com a Mãe B, ela relata que não pensou, que na sua visão é normal homem ensinando criança, e que durante o tempo que estudou, teve homem como professor, ela fala que estudou com professor nas séries finais (5ª a 8ª séries) e no Ensino Médio “Os professores que eu tive foram no Fundamental II, da 5ª a 8ª série e no Ensino Médio” (Mãe B, 2024). Vale salientar, que até o ano 2006, o Ensino Fundamental era classificado por séries finais, que ainda no mesmo ano foi aprovada a Lei 11.274, de 6 de fevereiro. Que diz em seu “Art. 32 O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão.” (Brasil, 2006, art. 32). Ou seja, nessa época, na 5ª série era um professor para cada disciplina, não ainda o professor polivalente, isto é, um professor para todas as disciplinas.

Prosseguindo na entrevista, a Mãe explana que considera importante a presença do homem na docência, que isso gera uma distribuição de funções, não sobrecarregando as mulheres “Eu acho muito importante também, sabe, os homens estão se dedicando, sabe, não sobrar tudo só pras mulheres.” (Mãe B, 2024). A distribuição de tarefas entre os docentes é essencial para assegurar a eficácia, a estrutura e a qualidade do ensino nas instituições de ensino. Na ausência dessa divisão, um só professor poderia enfrentar uma carga excessiva, o que prejudicaria tanto a qualidade de suas aulas quanto seu bem-estar.

Observando as respostas das mães, vemos que suas opiniões são sinônimas, ou seja, apesar de terem realidades diferentes, elas têm uma linha de pensamento parecidas. Para Mãe A o fato de conhecer o professor a leva a ter uma opinião que não tem problema de ter um homem ensinando sua filha, ela destaca que sua filha teve um melhor desempenho estudando com um professor homem. A Mãe B, ressalta que também não vê problema, devido ela já ter estudado com professor homem, ela de certa forma tem uma experiência do que é estudar com um professor, isso reflete em seu pensamento de ter sua filha sendo ensinada por um homem. Ele ainda acentua que a presença do homem é importante, pois, isso possibilita uma divisão de tarefas.

3.3.2. Percepções e comentários sobre a presença masculina no ensino de crianças

Quando foi perguntado se a Mãe A ouviu algum comentário de alguma mãe a respeito de ter um homem ensinando o/a filho/a dela, ela relatou que chegou a ouvir. “Eu cheguei só a ouvir um comentário, mas foi muito vago, entendeu? Mais ou menos de ter medo porque era homem.” (Mãe A). Mesmo que de forma imprecisa, mas compreendeu o sentido do comentário. Algumas mães podem sentir insegurança ao confiar seus filhos aos cuidados de um homem, levantando questões sobre a segurança e o bem-estar das crianças, por influências sociais. Isso gera uma “visão de que ensinar e cuidar de crianças é uma tarefa exclusivamente feminina ou simplesmente questiona-se se a educação de crianças realmente necessita de homens ou para eles existem outras profissões” (Araújo; Hammes, 2012, p. 07).

Continuando a entrevista, a Mãe A, cita que a fala da mãe foi em tom de dúvida sobre ter um homem ensinando sua criança. “Mais nesse sentido, ah, é um homem que vai ensinar como é que vai ser, né? Como será o comportamento dele na sala.” (Mãe A, 2024).

Há uma tendência de estranhamento quando homens ocupam esses ambientes. Em determinadas situações, homens são vistos com desconfiança simplesmente por haver contato físico ou emocionalmente com as crianças, algo que é considerado natural e aceitável quando realizado por mulheres.

A Mãe B, por sua vez, relata que não ouviu nenhum comentário a esse respeito. “Eu nunca ouvi nenhum comentário a respeito.” (Mãe B, 2024). Percebemos que as respostas das mães foram contrárias uma da outra.

Apesar de ela possuir experiência de já ter estudado com professor homem ela declara nunca ter ouvido nenhuma menção sobre isso. Tal resposta pode sugerir que esse assunto não é amplamente abordado em seu círculo social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a figura do professor homem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é, sem dúvida, adentrar em um assunto que ainda carece de exploração. Isso implica, portanto, em uma reflexão acerca de uma questão complexa que requer a realização de pesquisas adicionais para que possamos compreender melhor a rotina desses profissionais.

O presente trabalho analisou como é visto professor do sexo masculino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As mulheres na docência são predominantes, inicialmente isso pode ser justificado pelo fato de que as mulheres não tinham muita liberdade de fazer as coisas, e assim era de sua responsabilidade cuidar da casa e das crianças. O que levou ao predomínio feminino muito maior que o masculino na educação e no cuidado direto das crianças.

Pensar na inserção do professor homem na educação de criança tem sido um grande obstáculo a ser quebrado. A presença de homens no ensino infantil, é tido como uma novidade, é que muitas vezes têm sua capacidade de exercer a profissão questionada pelo próprio corpo docente.

Foi possível observar através das entrevistas feitas com 02 professores homens atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública dos municípios de Itapororoca e Mamanguape que a inserção na docência se deu por motivações associadas a empregabilidades. Outro fator relevante na escolha profissional é a questão familiar, que muitas vezes interfere ou ajuda. Foi o caso de um dos professores, que por ter referências e incentivos optou por seguir a carreira docente. Enquanto que outro enfrentou a resistência do pai, por considerar ser uma profissão considerada não rentável. Observou-se, também, nos relatos dos professores que eles sentem que ainda há preconceito e desconfianças por parte de algumas famílias, isso ficou nítido no relato de um dos professores. Percebemos ainda que a presença de um homem ensinando as crianças causou um certo estranhamento por não ser algo comum para elas. Entretanto, isso não afetou a relação delas com os professores.

Nas falas das professoras, evidencia-se que, quando se fala sobre homem no magistério, há pessoas que têm opiniões contrárias. Sendo assim, em relato de uma delas ficou claro que o fato de ser homem gera dúvida da capacidade dele de saber

ministrar aula para crianças e a mulher tem mais facilidade de lidar com crianças e que o professor homem não sabe alfabetizar. Por outro lado, há quem pense que não há diferença, pois quem está na sala de aula é um profissional, independente do gênero. Foi possível perceber nas entrevistas que não há problema sobre relação entre professores homens e mulheres e que convivem de forma harmoniosa.

Nos relatos das mães, contrariando a leitura, foi possível perceber que não tiveram nenhum tipo de resistência de ter um homem ensinando suas filhas. Entretanto, corroborando com algumas pesquisas, o fato de as mães conhecerem os professores homens contribuiu para que não tivessem desconfianças.

Se faz necessário, e importante, que a área da Pedagogia aborde mais estudos relacionados à inserção e atuação dos homens nos Anos Iniciais Ensino Fundamental, para que possamos, através deles destacar a importância dos profissionais do sexo masculino na docência, e assim amenizar os pré-julgamentos.

As instituições de ensino, seja na educação infantil, fundamental, médio ou superior, também podem tomar trabalhos desse tipo como base para seus alunos, no caso do ensino de crianças, convidar pais e mestres para torná-los mais familiarizados com esse tema, a fim de mostrar que tanto faz ser professora ou professor, que quem vai ensinar seus filhos são profissionais, independente de qual seja o seu sexo.

O estudo destacou que o assunto requer uma investigação mais aprofundada em futuras pesquisas acadêmicas sobre a escassez de professores do sexo masculino nos anos iniciais. Essas questões evidenciam que o tema ultrapassa os limites deste trabalho; de modo que a presença masculina na educação de crianças exige novas reflexões e investigações que nos permitam entender de forma mais profunda a dinâmica de atuação desses profissionais, bem como seu dia a dia nas salas de aula dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Portanto, é preciso compreender que em um ambiente predominantemente formado por mulheres, os homens podem se deparar com indagações sobre suas motivações e se são apropriados para a função. É fundamental compreender e valorizar as inquietações da comunidade escolar, dos responsáveis e dos colegas, enquanto se promove um modelo de masculinidade que seja positivo e respeitoso para os jovens. Esse papel pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero,

evidenciando que a sensibilidade e o cuidado são aspectos que também pertencem à masculinidade.

A inclusão de educadores masculinos pode proporcionar exemplos variados de masculinidade para as crianças, o que é benéfico para todos. Esses exemplos podem favorecer um desenvolvimento mais equilibrado e a diversidade de referências, especialmente para aquelas crianças que estão cercadas predominantemente por figuras femininas. É relevante promover uma reflexão sobre a realidade social estabelecendo um planejamento que leve em conta os preconceitos e inquietações sociais pode ajudar o docente a moldar sua própria identidade e abordagens, sem abrir mão do respeito e da aceitação dentro da comunidade escolar.

5. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. **A androfobia na educação infantil.** Interfaces da Educ. Paranaíba, v.3, n.7, p.5-20, 2012.

AULETE, Caldas. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Edição de Bolso. – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III, 2017. ISSN 1980- 7031.

BELEI, R. et al. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa.** Cadernos de Educação Ufpel. Pelotas, v. 30, n. 1, jan./jun. 2008, p. 187-199.

BEZERRA, Maria Irinilda; GROTTI, Giane Lucelia; LIMA, Evardson Souza. **Homens no magistério: a docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Cruzeiro Do Sul/AC.** Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 09, n. 20, p. 229-247, maio/ago. 2022.

BIEGER, Glaucia Regina; MORAIS, Ana Paula de. ENDRUWEIT, Adriana Elisa. **O Cuidar e o Educar: Concepções, Práticas e Possibilidades na Educação Infantil.** Revista Amor Mundi, Santo Ângelo, v. 4 , n. 11, p. 153-162, 2023.

BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues. et al. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem.** Itinerarius Reflectiones. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus de Jataí-UFG. v.8.n.1 jan/jul.2010.

BRASIL. **Ministério da Educação.** <https://www.gov.br/mec/ptbr/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica> Acesso em: 28/07/2024.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Lei das Diretrizes e Bases.** Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Brasília: **Presidência da República:** Casa Civil: MEC, 2006.

CAMPOS, Kátia Patrício Benevides; SOUZA, Rayffe Gumercindo Pereira; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Homens na Educação Infantil: Uma problematização sobre a condição docente.** NO. 61, PP. 141-162 (2022).

CARRÉ, Josiane Caroline Machado. **Professores homens: por uma resignificação da docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2014.

CHARONE, Tatiana do Socorro Pacheco. **Significados e sentidos dos discursos de um grupo de crianças da 3ª série do Ensino Fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência.** Belém, 2008, Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação), Universidade Federal do Pará.

CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. **O Magistério Primário no Brasil e a presença feminina na profissão docente: O que mostram os Documentos Oficiais.** Revista Gestão Universitária. – Universidade Federal de Pelotas. 08 de fev. 2018. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-magisterio-primario-no-brasil-e-a-presenca-feminina-na-profissao-docente-o-que-mostram-os-documentos-oficiais#>. Acesso em: 14/09/2024.

DE ALMEIDA, Fabiana Hilário; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura.** Psico-USF, vol. 16, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 75-85 Universidade São Francisco São Paulo, Brasil.

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

GONÇALVES, Josiane Peres; PENHA, Natalia Ribeiro da. **Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia.** Zero-a-seis. Florianópolis, v. 17, n. 32 p. 170-192 | jul-dez 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero.** Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 53-67, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, Marcelo Henrique G. de. **Magistério Masculino: (Re)Despertar Tardio da Docência.** Orientadora: Silke Weber. 2003. Dissertação (Mestrado). Curso De Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003. Disponível: https://www.researchgate.net/profile/MarceloMiranda15/publication/343523074_Magisterio_Masculino_ReDespertar_Tardio_da_Docencia/links/5f2dff9ba6fdcccc43b2eced/Magisterio-Masculino-ReDespertar-Tardio-da-Docencia.pdf. Acesso em 10 de mar. 2024.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e Tentativas de Segregação.** Cadernos de pesquisa. v.44 n.153 p.720-741 jul./set. 2014.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** Revista de Educación. Madrid, n. 350, p. 1-10, sep./dic., 2009. Disponível em: <http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NUNES, Silma do Carmo. **A feminização da profissão docente, a história de vida das professoras e os reflexos no ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** Caderno Espaço Feminino, v.13, n.16, jan./jun. 2005.

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação.** Revista Linhas, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023.

OLIVEIRA, Francicleide Cesário de; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **A docência alfabetizadora leiga no Brasil: do contexto histórico-legal aos aspectos conceituais, políticos e práticos.** Revista Devir Educação, Lavras, vol.6, n.1, e-550, 2022.

PIMENTA, S. et al. **Panorama da Pedagogia No Brasil: Ciência, Curso E Profissão.** Educação em Revista| Belo Horizonte|v.38|e38956|2022.

RABELO, Amanda. **Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 207-234, abr./jun. 2013.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. **A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas.** (Folha online, UOL, abr.2010).

SANTOS, Thiago Batista dos. **O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental.** Rio de Janeiro. 2017, (Monografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Vinícius Rangel dos; CASTRO, Roney Polato de. **“Pedagogia é lugar de homem?” Pensando em relações de gênero a partir do curso de pedagogia da UFJF.** Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido nas disciplinas “TCC1” e “TCC2” do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF), 2015.

SAYÃO, Déborah. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Ângela Cristina Gomes da. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na Educação Infantil.** 2014. 34f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2014.

SILVEIRA, Luís Carlos Teixeira da. **“Mas não é homem, é tu”! Reflexões sobre a prática docente de professores-homens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.** Porto Alegre, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação do curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas semiestruturadas

1. Qual ou quais os motivos pela sua escolha profissional?
2. O que a sua família e seus amigos acharam da sua escolha? Eles te estimularam a tornar-se professor?
3. Enquanto professor homem no magistério infantil, você enfrenta ou já enfrentou alguma dificuldade? Se sim, quais?
4. Como é recebido pela criança nesta faixa etária?
5. Para você, há diferença entre homem e mulher na educação de crianças?
6. Qual a sua visão sobre o professor homem ensinando crianças?
7. Como se sente trabalhando no mesmo ambiente que um professor homem? Já se incomodou?
8. Quando viu que era um homem que iria ensinar sua/seu filha/o, o que pensou?
9. Você já ouviu algum comentário de alguma mãe assim, relacionado a um homem ensinar a filha dela, o filho dela?